

Algumas reflexões sobre a psicose a partir da teoria de Piera Aulagnier*

ANETE MARIA BUSIN FERNANDES**

Introdução

O que é ser psicótico? Qual o sentido do pensamento delirante na psicose?

Fazer um recorte no conjunto dos aspectos que estão presentes no enigmático mundo do psicótico é o que me proponho neste trabalho.

Pretendo aqui considerar o uso que o psicótico faz do delírio como uma tentativa de manter algum tipo de ligação com a realidade, através de sua remodelagem.

Neste percurso começarei abordando a transformação sentida desde fora – como se o mundo tivesse ficado diferente.

Posteriormente farei uma relação entre a atividade de pensar e os seus primórdios, ligados à manifes-

tação de desejo que inicialmente está colocada no Outro¹, mas cuja apropriação deverá se fazer sentir para que se constitua como sujeito e agente de seu próprio pensamento e não submetido ao pensamento de outrem.

Por submissão do pensamento designo a entrega da própria capacidade de pensar a outro, o que leva o indivíduo a adotar julgamentos e teorias que não são próprios, repetindo-os de forma mecânica, por não conseguir se utilizar dos fatos da experiência como condição que dá suporte às próprias representações. Isto torna o sujeito porta-voz de uma verdade que jamais é verificada pela própria experiência.

A hipótese que lanço, partindo da teoria de Piera Aulagnier, é a de que no delírio o psicótico faz uma tentativa desesperada de se libertar dos grilhões que o aprisionam ao pensamento do outro, cons-

* Monografia apresentada no encerramento do curso Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae - 1993.

** Psicanalista pelo curso Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

1. Outro aqui será usado como na acepção lacaniana para designar não o "sujeitinho que se encontra na rua", mas o suporte de que todo sujeito depende para constituir-se: a mãe (o primeiro representante do Outro), o nome do pai, que por sua vez carrega o nome de seu pai, "uma idéia de homem, de Deus, de Estado, de ditador, de ordem ... a cultura ...". Cathérine Clément (1981). *Vidas e lendas de Jacques Lacan*. São Paulo: Moraes, 1983. Tradução Mc Kneese, pp. 16-17.

truindo um modo muito próprio de estabelecer uma certa causalidade ali onde ela está silenciada – poder contar sua própria história desde as origens. Poder construir a sua história identificatória. A escolha da teoria de Piera Aulagnier deve-se ao fato de que esta coloca acento sobre o pensamento e o estar condenado a investir, como as duas funções primordiais do Eu.

Para Aulagnier, o Eu ou instância enunciante é responsável pelas representações ideativas e pelas atribuições de sentido. O Eu é a instância constituída pelo discurso do meio social, mediatizado por um meio psíquico organizado pelo desejo e pelo discurso do casal parental.²

Diz a autora:

Na sua totalidade, o Eu é formado pelo conjunto dos enunciados que tornam dizível a relação da psique com os objetos do mundo por ela investidos e que ganham valor de referências identificatórias, de emblemas reconhecíveis pelos outros Eus que cercam o sujeito.³

Trabalharei inicialmente com os conceitos de representação e identificação a partir do referencial de Piera Aulagnier, pois os considero como fundamentais para a compreensão do ser psicótico e do pensamento delirante, que me proponho a analisar posteriormente. Trago como material auxiliar para a compreensão dos conceitos a serem desenvolvidos, fragmentos da história de uma cliente de 39 anos de idade, casada, professora de deficientes auditivos, em análise há dois anos, e que chamarei de Márcia. Esse material clínico permitiu-me compreender o papel que o delírio teve para esta cliente, no sentido de lhe possibilitar algum investimento na realidade, dentro de uma crise psicótica, princi-

palmente um investimento ligado à atividade de pensar – pensar suas próprias relações com uma realidade que momentaneamente lhe parecia ter-se transformado.

O que me impulsiona a realizar esta análise é o modo tão presente na clínica da psicose na qual se alternam expressões tão criativas e exuberantes nos momentos de delírio, contra outros momentos de esterilidade inquietante para o analista, onde o silêncio se faz presente nos escaninhos do divã em que se esconde o psicótico. Esconde-se de que? Não seria o silêncio uma tentativa de segurar, impedir esta avalanche que rompe efusivamente a barreira do recusado, longe e fora de qualquer possibilidade de contenção? No psicótico é o pensar que está interdito; ele permanece demandante sem acesso ao desejo.

Goldgrub fala que onde o neurótico aceita pagar o preço de um substituto-testemunha, ou seja, o sintoma, uma modificação interna, o delírio do psicótico, ao contrário, instala a idéia inadmissível na realidade, conseguindo dessa maneira uma auto-absolução ao custo de desfigurar por condenação irrevogável o mundo à sua volta.⁴

I. É o mundo que se transforma

O melhor seria anotar os acontecimentos dia a dia e manter um diário para que estes possam ser percebidos com clareza. Não deixar escapar as nuances, os pequenos fatos, ainda quando pareçam insignificantes, e sobretudo ordená-los. É preciso determinar exatamente a extensão e a natureza dessa mudança.

2. Piera Aulagnier (1975). *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Tradução de Maria Clara Pellegrino. Rio de Janeiro: Imago, 1979, p. 105.

3. Piera Aulagnier (1975). *Op. cit.* p. 136.

4. Franklin W. Goldgrub (1985). *Comentários sobre a cronologia e a estrutura da obra freudiana*. 1ª Edição. CETEC, pp. 33 - 34.

Por exemplo, eis aqui uma caixa de papelão que contém meu frasco de tinta. Seria preciso tentar dizer como o via antes e como atualmente eu a (*). Pois bem, é um paralelepípedo retangular, destaca-se sobre _____ (**) é tolo, não há o que dizer a respeito. É isso que tem que ser evitado; é preciso não colocar estranheza onde não existe nada.

Creio que é esse o perigo, quando se faz um diário; exagera-se tudo, vive-se à espreita, deforma-se constantemente a verdade. Por outro lado, é certo que posso, de um momento para o outro – e precisamente em relação a esta caixa ou qualquer outro objeto – experimentar novamente a impressão de anteontem. Tenho que estar sempre preparado; do contrário, ela mais uma vez escaparia. É preciso nada (***) mas anotar cuidadosamente, e com a maior minúcia, tudo o que ocorre.

Naturalmente, já não posso escrever nada de preciso sobre aquelas histórias de sábado e de anteontem, já estou muito distanciado delas; só posso dizer que, tanto num caso como no outro, não houve nada do que se chama comumente um acontecimento.

Sábado, os meninos brincaram com pedras, fazendo-as ricocheteiar, e quis imitá-los e jogar uma no mar. Nesse momento, detive-me, deixei cair a pedra e fui embora. Provavelmente estaria com um ar perdido, já que os meninos riram quando lhes dei as costas.

É isso, quanto ao exterior. O que aconteceu em mim não deixou vestígios claros. Havia algo que vi e que me desagradou, mas já não sei se estava olhando para o mar ou para o seixo. O seixo era achatado, seco de um lado, úmido e lamacento do outro. Eu o segurava pelas bordas, com os dedos muito afastados, para não me sujar.

Anteontem foi muito mais complicado. E houve também essa seqüência de coincidências, de quiproquós que não consigo entender. Mas não vou perder tempo colocando tudo isso no papel. Enfim, é fora de dúvida que tive medo, já teria dado um grande passo.

O curioso é que absolutamente não me sinto inclinado a me considerar louco e vejo até, com toda evidência, que não estou louco: todas essas mudanças dizem respeito aos objetos. Pelo menos é disso que gostaria de ter certeza.⁵

Se não fosse Sartre em sua introdução de *A Náusea*, esta bem poderia ser a fala tão familiar dessa experiência de transformação que o psicótico nos traz.

Estranheza, mudança – transformação onde tudo deveria permanecer como sempre. Essa experiência de que a transformação está acontecendo fora, no mundo, é como um modo de amenizar o turbilhão de mudanças que estão acontecendo dentro, ir contra os desígnios que se fizeram ouvir desde sempre para que nada mude, para que tudo permaneça como está.

Para Aulagnier, permanência e mudança são os dois princípios do funcionamento identificatório, elementos fundamentais na constituição do Eu. A permanência evita o risco da eclosão da psicose. Como é impossível que nada mude e como o indivíduo não está aberto a mudanças que lhe permitam se reconhecer naquilo em que se torna ou naquilo em que seu mundo se transforma, a “potencialidade psicótica”⁶ se manifesta.

Referindo-se à sua importância e aos riscos que podem atingir esse Eu se algo ameaçar a consecução desses dois princípios, Aulagnier diz:

* Nota : espaços assinalados com (*), (**): palavras deixadas em branco ; (***) : palavra rasurada, talvez “forçar” ou “forjar” (uma outra palavra escrita por cima está ilegível)

5. J. P. Sartre (1938). *A náusea*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2ª Edição. Tradução de Rita Braga, 1983, pp. 13-14.

6. Piera Aulagnier (1984). O conceito de Potencialidade e o efeito do encontro. In *Aprendiz de historiador e o mestre feiticeiro*. pp. 227-249.

Que nada mude: Se o sujeito pudesse, sem o menor desvio, se curvar a essa injunção enunciada primeiramente pela voz materna e interiorizada como um interdito num segundo tempo, a potencialidade psicótica e o compromisso identificatório que a subentende, estariam protegidos de qualquer risco de atualização. Porém, uma tal obediência está fora do poder do sujeito que não pode proteger-se da ação do tempo, desses acontecimentos representados pela morte do outro, dos acidentes que podem atingir seu próprio corpo, modificando-lhe sua representação psíquica, nem tão pouco desses acontecimentos que podem perturbar o campo social confrontando-o com a precariedade, a instabilidade do lugar que ele pensara ocupar.

Que tudo mude: é nesses termos que se poderia formular a ordem social que às vezes acolhe e atinge o sujeito em sua saída do mundo infantil. Injunção igualmente impossível de ser respeitada, a menos que o Eu renuncie simplesmente a ser, para se transformar num robô programado por outros.⁷

No psicótico não há ideais investidos mas investido está um Eu passado que não sofreu as devidas remodelagens graças à castração simbólica. Trata-se de um Eu que se submeteu ao veredito materno – “que nada mude”. As mudanças inevitáveis – externas ao Eu e presentes até mesmo no próprio corpo, tiram-lhe o chão, o suporte de sua própria identificação. A dúvida gera sofrimento; daí, a busca da certeza – a certeza delirante. Neste aspecto reside uma das forças de atração do originário. Mais adiante retomarei o sentido do conceito de originário na obra de Aulagnier.

Falar com um Outro que muitas vezes é barulho. Poder ligar-se a sons, ora altos, ora baixos, tal como os movimentos do corpo e o pulsar materno, marcados por sensações – volta a um originário. Ten-

tativa de voltar para poder se constituir ali desde onde existe um não-Eu, é o que Márcia expressa no seu delírio.

Eis que entra em cena a voz de Márcia:

Eu me ligava ao barulho da geladeira, ficava quieta, esperando seu chamado. Quando ele ficava mais intenso eu sabia que ele queria se comunicar comigo. E daí eu ia e ficava em frente à geladeira e nós nos comunicávamos.

Neste fragmento de sua história chama atenção a relevância dada ao ouvido, ao escutado; o estar desligada de todo o resto mas estar ligada ao som da geladeira. E Márcia continua a relatar sua história:

Foi o barulho, o som que me chamou para essa conversa, e porque tudo cabia ali, um lugar fechado hermeticamente. E falava tudo o que eu queria ouvir – há muito tempo...

Eu tinha passado por um verdadeiro terremoto, por uma revolução que tinha começado com uma conferência sobre sexualidade masculina. Aquilo foi a gota d'água.

Meu casamento que já não ia bem, desmantelou. Ali estava a confirmação. Meu marido era um homossexual.

Na conferência a psicóloga dizia: todo homem que precisa se excitar através de filmes pornográficos é um homossexual. Aquilo acontecia entre nós, ele me obrigava a assistir aquelas indecências antes das nossas relações sexuais.

Meu mundo desmoronou, já não sabia mais nada, nem de mim, nem de ninguém.

7. Piera Aulagnier (1984). Os dois princípios do funcionamento identificatório: permanência e mudança. In *Um intérprete em busca de sentido*. Vol. I. Tradução de Regina Steffen. São Paulo: Escuta, 1990, p. 192.

Essas idéias me tomavam toda e já não conseguia pensar mais. Fazia meu projeto de mestrado, e de repente as idéias fugiam. Não conseguia ler um texto, nem acompanhar o raciocínio do autor. Esquecia tudo, minha cabeça não funcionava mais, não sabia mais fazer contas. Perdi a noção do valor do dinheiro, não sabia quanto deveria receber de troco após uma compra.

As pessoas não eram mais as mesmas, minha família, meus amigos – falavam muito estranho. Diziam muitas bobagens.

Eu só conseguia ter muito ódio. Agredia muito as pessoas, qualquer coisa que falavam eu pulava no pescoço – bati em muita gente. Eu tinha muita raiva, como tudo parecia tão mudado... Como as pessoas pareciam tão diferentes do que eram... Eu me debatia.

Foi através da geladeira que me reencontrei – podia falar de novo e ser ouvida. Comecei devagarinho a conversar de novo.

Neste relato que faço do delírio da cliente, é possível perceber a linha frágil que separa os princípios constituintes do funcionamento identificatório – permanência e mudança.

No psicótico qualquer aspecto que ameace o princípio da permanência, que é a base da identificação do Eu, remete-o a uma sensação de estranhamento que põe em risco essa base de sustentação do Eu, e tudo no mundo e nele mesmo, passa a ser sentido e vivido como incerteza. Essa sensação de estranhamento de si e de tudo o que está à sua volta é o sofrimento que acompanha Márcia.

“E tudo começou com uma conferência”.

Na conferência a dúvida toma lugar das certezas sobre as quais vinha se assentando toda sua vida. Uma informação que põe em risco o outro e a si própria, algo que não encontra espaço dentro dela, como se não pudesse ser metabolizado.

Para que se possa compreender melhor toda essa transformação relatada por Márcia e que traz em todo seu delírio o sentido da força de atração de um originário, passarei a explicitar o que Aulagnier entende por atividade de representação e por originário.

Por atividade de representação compreendemos o equivalente psíquico do trabalho de metabolização próprio à atividade orgânica. Sua finalidade é de metabolizar um elemento de natureza heterogênea em um elemento homogêneo à estrutura de cada sistema.⁸

Para Aulagnier, existem três modos de representação e para cada um deles há um postulado correspondente. Estes postulados podem ser expressos através de três formulações, segundo o processo que se considera. Assim, temos:

– Todo existente é auto-engendrado pela atividade do sistema que o representa; este é o postulado do auto-engendramento, segundo o qual funciona o processo originário.

– Todo existente é um efeito da onipotência do desejo do Outro; este é o postulado próprio ao funcionamento do primário.

– Todo existente tem uma causa inteligível, tornada acessível pelo discurso; este é o postulado segundo o qual funciona o secundário.⁹

8. Piera Aulagnier (1975). *Op. cit.* p. 27.

9. Piera Aulagnier (1975). *Op. cit.* p. 30.

Essas três formas de representação da realidade e os princípios que as regem são considerados por Aulagnier como sendo os “universais presentes” em todo ser humano, e diz que a diferenciação individual se dá pelo modo como estas organizações se estruturam na relação particular que cada sujeito estabelece, modelando-as e transformando-as a partir de sua subjetividade.¹⁰

A seguir passarei a relatar como se dá a atividade de representação em cada um dos três subsistemas: originário, primário e secundário.

Na atividade de representação a psique deve representar, isto é: pictografar – que é o modo próprio de funcionamento do originário; fantasiar – que é o modo próprio de funcionamento do primário; significar – que é o modo próprio de funcionamento do secundário.

Desde o primeiro encontro entre a psique e o mundo extra-psique, no qual sobressaem o próprio corpo do bebê e a psique dos outros, a atividade de representação é o trabalho do registro do vivido. É graças à atividade de representação que um elemento estranho à psique transforma-se primeiramente em pictograma que ignora a imagem de palavra e tem, como material exclusivo, a imagem da coisa corporal própria do originário. A respeito desse modo originário de representação, Aulagnier assim diz:

A colocação em forma de algo percebido por meio da qual se apresentam, no originário e para o originário, os afetos dos quais ele é sucessivamente sede, é uma atividade inaugural da psique para a qual toda representação é sempre auto-referente e permanece para sempre indizível, não podendo responder a nenhuma das leis às quais deve obedecer o dizível, por mais elementar que seja.¹¹

No modo originário de funcionamento marcado pelo encontro inaugural boca-seio vai haver a representação da coisa corporal num nível sensorial, como se fosse uma unidade zona-objeto complementar, juntamente com o afeto correspondente de prazer ou de desprazer.

É a partir desse encontro inaugural que se inicia o que Aulagnier nomeia como “dialética identificatória”, constitutiva do Sujeito. O seio que num primeiro momento é suporte de uma demanda e de um desejo que coincidem, após a experiência de satisfação estará perdido. Dessa forma, de demandante, como no modo originário de funcionamento, o bebê passará à categoria de desejante, própria do primário. É na identificação primária que o bebê se identifica com as percepções co-extensivas à resposta materna o que marca a alienação no desejo materno.

Na produção fantasmática, produto do primário, existe a representação de dois espaços, a de seu próprio corpo e a do corpo do outro; mas entre estes dois espaços: um está submetido à onipotência do desejo do Outro, e aí todo prazer é metabolizado como o desejo do Outro de reunificação e de dar prazer, e todo desprazer é metabolizado como desejo do Outro de rejeição, de recusar prazer.

É no secundário que o Eu poderá nomear os sentimentos e significar as relações; há uma verdadeira remodelagem dos fantasmas produzidos pelo primário, podendo atribuir-lhes significações ao nível ideativo. O Eu deve sofrer uma desidealização a fim de se tornar enunciante. Este processo de desidealização do Eu se faz através da castração.

Para Aulagnier, identificação e castração dizem respeito a uma mesma ordem. O momento da

10. Piera Aulagnier (1986). *Nacimiento de un Cuerpo Orígen de una Historia*. In *Cuerpo, Historia, Interpretación*. Piera Aulagnier e Outros. Paidós, pp. 122-123.

11. Piera Aulagnier (1975). *Op. cit.* p. 52.

castração deve levar a reformulações das referências identificatórias já construídas. É um momento marcado pela necessidade do Eu de modificar uma relação de dependência do pensamento dos pais, o que leva ao questionamento das referências que permitem ao Eu se reconhecer e modificar-se.

Aulagnier define o processo identificatório ocorrendo em três tempos correspondentes aos três modos de representação. Aqui, quero marcar dois desses momentos: um que vai da constituição do Eu, pertencente ao registro fantasmático ou imaginário, marcado pela apropriação do identificado, presente nos enunciados da mãe que nomeavam e investiam o Eu idealizado da criança – identificação especular¹²; outro momento, que segue à castração, “tempo de compreender”, onde o Eu desidealizado e enunciante deve reelaborar os primeiros enunciados e definir seu projeto identificatório.¹³

A “identificação ao projeto” que resulta da castração simbólica é obra do secundário e se dá graças ao trabalho de remodelagem das primeiras referências identificatórias enunciadas pela mãe, para aceder à lei do desejo e à lei da filiação.

Para investir uma relação, o Eu terá sempre que negociar com o seu desejo e o desejo do Outro, sendo assim o redator de um compromisso identificatório. Esse compromisso deve permitir ao Eu reconhecer-se naquilo que ele se torna. Ao terminar a sua infância o Eu deve ter se tornado o único redator de sua história.

No psicótico, através da força de atração exercida pelo originário presente no trabalho do Eu, ele procurará dar sentido ao vivido, única forma que a psique encontra para poder reformular, remodelar ou recusar conseqüências de sua especificidade psíquica e que se manifesta na construção delirante que faz da realidade.

O delírio é obra do Eu, no qual a produção pictográfica se imiscui. É nas lacunas do sentido, nos brancos do discurso, como no texto de Sartre, que o delírio se constrói. É através do delírio que o psicótico procura transformar ou remodelar a realidade que se lhe apresenta como estranha.

É para aplacar a angústia do vazio, do branco e do abismo que o delírio se apresenta como possibilidade. Possibilidade de construção nas falhas, nas fissuras de sua construção identificatória, desde as origens. O delírio vai instaurar-se numa tentativa de estabelecer uma outra ordem de parentesco ou quem sabe alguma.

Na psicose, diz Aulagnier, opera-se uma clivagem entre a possibilidade do sujeito de se reconhecer como filho desta mãe e deste pai, apropriação que exigiria o reconhecimento de uma lei de transmissão que transcende todo ocupante temporário e particular.¹⁴

Márcia diz:

Eu tinha rompido com todo mundo. Eu sempre fui muito boazinha, muito quietinha, as coisas me magoavam mas eu deixava passar.

12. Identificação especular, de acordo com Lacan, “se manifesta pela vivência de júbilo do bebê frente ao espelho, a qual decorre de seu movimento de voltar-se para o olhar da mãe em busca da confirmação da beleza da imagem, antes de retornar ao espelho e a seu reflexo especular. Esta forma, ou seja, esta Gestalt que vem simbolizar a permanência mental do eu, deve ser designada de *eu ideal*, o qual será também o tronco das identificações secundárias.” Jacques Lacan (1949). *Escritos 1*. Argentina. Siglo Veinteuno, 1971. Tradução do Francês para o Espanhol de Tomás Segovia, p. 87.

13. Piera Aulagnier (1968). *Demanda e identificação*. In *Um intérprete em busca de sentido* (1986). Vol. I. Tradução de Regina Steffen. São Paulo: Escuta, 1990.

14. Piera Aulagnier (1975). *Op. cit.* p. 164.

Minhas irmãs não, falavam tudo o que queriam, falavam mal de todo mundo. Quando adoeci desandei a falar para todo mundo tudo o que eu tinha guardado por tanto tempo.

Todo mundo sempre fez de mim o que quis. Meu avô paterno me bolinou quando eu tinha cinco anos de idade. Um primo meu, moço já, me levou para um quarto e tive a sensação que fez xixi em mim. Eu tinha um pouco mais de sete anos de idade.

Meus pais já não eram os mesmos, minha mãe era um monstro, egoísta demais. Briguei com todos, com minhas irmãs, com a família de meu marido.

Só conseguia conversar com a geladeira...

Através do barulho da geladeira eu me comunicava com meu namorado. Eu não gostava dos barulhos baixos da geladeira, pois nesses momentos os pensamentos tormentosos ocupavam o lugar dos bons.

Meu avô materno, coitadinho, tinha vindo passar uns dias na casa de minha mãe; era ele que ficava comigo em casa. Quietinho nada dizia, ficava do meu lado. Até que um dia ele me disse:

– Pare com isso, minha filha! Geladeira não fala!

Eu acreditei.

Márcia refere-se ao avô como alguém que não se assusta com o delírio. Pacientemente a escuta, fica a seu lado, dia após dia.

Parece haver entre nós um outro tipo de comunicação – as palavras não eram necessárias.

Refere-se à relação que tinha com o avô. Fala do olhar do avô como se ele pudesse compreendê-la sem precisar falar.

Quando Márcia diz – “eu acreditei no meu avô”, é como se nesse momento pudesse rever-se dentro de uma ordem de causalidade, dentro de uma ordem de parentesco que ficara perdida no surto psicótico – na vivência de caos.

O delírio teve uma função de reorganização, assim como a voz desse avô, foi o que lhe permitiu reinvestir na realidade, poder se colocar numa ordem relacional. No chamado do avô, a possibilidade do re-encontro. Para Aulagnier, psique e mundo se reencontram e nascem um com o outro, um para o outro, são o resultado de um estado de encontro que é coextensivo ao estado de existente.¹⁵

O chamado que este avô fez foi para o sentir-se existente, o poder participar do drama humano, poder reencontrar um prazer mínimo e necessário, de encontro com outro ser humano.

Ao postular sobre as condições de existência do Eu, Aulagnier aponta quatro aspectos fundamentais, responsáveis pela sua constituição, o que muitas vezes apresenta-se como falha na existência do psicótico. Falha na constituição identificatória na qual ao invés da unidade entre identificador e identificado, o conflito identificatório instala-se entre essas duas dimensões do Eu.

Referindo-se às quatro fontes do prazer necessário, Aulagnier diz:

Para que viver faça parte das possibilidades do Eu, quatro condições são necessárias:

1) A primeira refere-se ao corpo que o Eu habita, ao bom funcionamento de seus órgãos e à possibilidade de encontrar uma realidade natural e humana que lhe permita encontrar os únicos objetos a satisfazer

15. Piera Aulagnier (1975). *Op. cit.* p. 33.

as necessidades e as funções do corpo (apesar do amor e a força das pulsões de vida das quais o Eu se beneficia, um estado de fome que se prolonga, ou um campo de concentração podem lhe impor a morte).

2) É necessário que o Eu tenha sido antecipado e, portanto, pré-investido, pré-pensado pelo Eu do porta-voz. Não me refiro a esta condição preliminar: a vida exige que ao menos uma pessoa assuma o encargo de nos fazer viver e de tornar a realidade viável. Refiro-me ao desejo do porta-voz de "fazer viver" um corpo, desejo que permitirá que a vida não se reduza a um estado vegetativo, como ilustram certos casos, como em certos estados de debilidade profunda, de causa orgânica ou psíquica. Em outras palavras, para que a vida do Eu seja possível, é necessário que o porta-voz tenha investido o Eu que ele antecipa, fornecendo-lhe pensamentos com função identificatória, enquanto o Eu ainda não pode pensá-los ou inventá-los.

A essas duas condições que se referem ao Eu materno acrescentam-se duas outras:

3) É necessário que o Eu possa continuar investindo um mínimo de referências e pensamentos com função identificatória, necessários para que esse mesmo Eu possa se pensar, se representar, e se auto-investir enquanto existente.

4) É necessário que na cena da realidade exterior ao menos um outro Eu continue a ser ponto de apoio e suporte de investimentos. Esta é a condição para que um fragmento da realidade continue a existir para o olhar do Eu, e condição para que o Eu continue a existir, ainda que para o olhar de um só Outro. (A experiência mostra que um só Eu é raramente suficiente para satisfazer esta condição).¹⁶

No silêncio do avô, uma certa cumplicidade, a aceitação de seu delírio. No delírio, o personagem principal que Márcia retrata é um seu colega de trabalho de quem pensa receber as mensagens de amor através da geladeira.

Fixar-se em alguém, poder reconstruir sua vida ao lado deste novo amor é o que aparece em seu delírio. Dentre as exigências vitais é preciso que o investimento de um mínimo de referências identificatórias encontre espaço e lugar num mínimo de investimento recíproco com um outro Eu.

Em seu delírio, Márcia procura um prazer mínimo cuja realização é uma condição de vida e condição necessária para que o Eu invista no funcionamento da psique e do corpo e para que possa suportar os momentos de sofrimento inevitáveis ao fato de viver. Um prazer necessário, mínimo que seja, é uma exigência básica para que a vida faça parte dos possíveis do Eu.

Ao sair do surto psicótico encontramos em Márcia expressões desta vivência, tais como: "Parece que estou renascendo". Quando da retomada de sua relação profissional, assim fala: "Ao me preparar para retomar minha atividade de professora, ao dar a primeira aula depois que tudo aconteceu, escolhi uma roupa adequada, me sentia indo para uma festa de formatura, a minha festa de formatura."

Poder se colocar em cena novamente, algo que parecia perdido, poder se reinserir num esquema relacional que lhe fizesse sentido e que aparece tão marcado na "festa de formatura".

Conhecer o mundo, equivale para o Eu representá-lo de maneira que a relação entre os elementos que ocupam a cena lhe seja inteligível, isto é, que o Eu

16. Piera Aulagnier (1979). O eu e o prazer. Prazer necessário e prazer suficiente. In *Os destinos do prazer, alienação, amor e paixão*. Tradução de M. Violeta Arraes de Alencar Gervaiseau e Maria Clara Pellegrino. Rio de Janeiro: Imago, 1985, pp. 139-140.

possa inseri-los num esquema relacional que é o seu próprio.

É a perda ou o rompimento nesta ordem de relação que parece importante se considerar no surto psicótico. No delírio o psicótico visa estabelecer uma ordem de causalidade que torne inteligível ao Eu a existência do mundo e a relação presente entre esses elementos.

Referindo-se à função do delírio, Aulagnier mostra que é através de seu discurso e do poder criador de significações e sentidos que o delírio tem, que haverá a reconstrução ou, quem sabe, a construção de uma história libidinal – chama a isto de “função de historiador do Eu” – demonstrando que o pensamento delirante também é obra do Eu.¹⁷

O psicótico, através de seu discurso, revela a necessidade de reescrever uma história, tentativa de recuperação de sua mitologia original, procurando pelos sentidos e significações que mudaram de rumo e que não puderam fornecer ao sujeito as peças de identidade necessárias para que tivesse direito de cidadania. Estranhamento do mundo e do próprio corpo, sobrando muitas vezes pequenos elementos de ligação sensorial, tal como poder ouvir, é o que permanece para o psicótico de um campo onde todos os sentimentos parecem mortos.

A psicose é a consequência do fracasso que a criança periodicamente encontrou em suas tentativas de interpor entre si e uma realidade, causa de um excesso de sofrimento, a fantasia como interpretação causal. Quer se trate de interpretar um sofrimento cuja fonte estava na realidade exterior, ou de um sofrimento que tinha sua fonte no interior da própria psique ou do próprio corpo.¹⁸

II. Um outro fala por mim

Dos fragmentos da história desta cliente, trago agora a primeira sessão.

Quem vem junto é a mãe que logo se adianta e se apresenta. Tal como uma menina assustada, Márcia permanece sentada. Mãe e filha entram juntas pois Márcia parece ainda não estar preparada para se desligar da mãe. É a mãe que conta do adoecimento de sua filha. Dentro de um clima muito tenso onde mãe e filha choram muito, a mãe começa a falar pela filha.

Não sei o que aconteceu com esta minha filhinha.

Sempre foi uma menina tão inteligente e esperta...

Tão boazinha, é a melhor das minhas filhas. Obediente, sempre me respeitou muito, nunca me respondeu, nunca levantou a voz.

Essas três meninas sempre foram as meninas dos meus olhos. Eu as criei com o máximo de carinho.

Procurei protegê-las de todos os perigos.

O pai, homem furioso demais, pouco participou da educação, da vida delas. Eu tinha medo que ele as machucasse, sempre as protegi dele como se fosse um escudo. Foram minhas companheiras e confidentes, principalmente Márcia, primeira das filhas mulheres; o mais velho é homem. Minha vida sempre foi para elas um “livro aberto”. Desde pequenas sempre contei tudo a elas, sentia que precisavam estar preparadas para a vida.

Em “O futuro de uma ilusão” Freud chama atenção para o fato de que no seu papel de proteção contra a ansiedade da criança, a mãe é logo substituída pelo pai, mais forte, embora seja ambivalente sua

17. Piera Aulagnier (1984). *O aprendiz de historiador e o mestre de feiticeiro: do discurso identificador ao discurso delirante*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Escuta, 1989.

18. Piera Aulagnier (1986). *Da linguagem pictorial à linguagem do intérprete*. In: *Um intérprete em busca de sentido II*. Tradução de Regina Steffen. S.P. - Escuta - 1990 - p. 101.

atitude para com ele: ela o teme tanto quanto anseia por ele e o admira.¹⁹

No relato da mãe de Márcia o que sobressai é o temor do pai. Na sua tentativa de proteção a expõe ao maior risco, de permanecer dependente dela, de não poder pensar seus próprios pensamentos. Se é a mãe, co-signatária temporal do compromisso identificatório, que dá os primeiros suportes representacionais e que estabelece um poder pensar futuro, é também sua saída de cena que permitirá ao sujeito o acesso à ordem de pensamento.

Quando expõe sua teoria sobre o pensamento, Aulagnier traz a noção de um Eu portador e criador de significações, o que se faz possível através da atividade de pensar, um Eu enunciante, criador de representações ideativas. Em seu texto "O trabalho da interpretação", Aulagnier assim define pensamento:

Denomino pensamento a essa parte do Eu consistente em ligar imagem de coisa com imagem de palavra. Por imagem de palavra entendo, não a emissão ou recepção de uma sonoridade temática, senão algo ouvido que o Eu percebe como portador de significação e em certas condições como criador destas mesmas significações.²⁰

No início, a mãe exerce a interpretação do mundo, antecipando todo entendimento possível, violência necessária pois é o que permite o acesso do sujeito à ordem do humano. A esta violência necessária Aulagnier chamará violência primária e assim diz:

Violência primária é a ação psíquica pela qual se impõem à psique de um outro uma escolha, um pensamento ou ação motivado pelo desejo daquele

que o impõe, mas que está apoiada num objeto que para o outro corresponde à categoria do necessário.²¹

É no paradoxo do colocar-se em cena e sair de cena que a mãe poderá definir as bases e permitir a autonomia do pensar ao filho. Para Aulagnier, a mãe do psicótico se caracteriza por demonstrar a ausência do desejo de ter um filho autônomo, diferente do que ela é.

Por isso essa mãe vai tornar o filho como um complemento seu, o qual vai ocupar o lugar da falta: falta de desejo pela criança, falta de desejo pelo prazer de engendrar; falta de uma significação que tornaria o encontro entre ambos fonte de um prazer transmissível e dizível.²²

Falar através de um Outro, pensar pensamentos que não são seus parecem experiências comuns à vivência do psicótico. Márcia diz:

Na minha casa não havia chaves, nem mesmo nos banheiros, nem mesmo no meu armário, ou quem sabe de uma gaveta onde pudesse guardar algo só meu.

São expressões de Márcia ao se referir a esta vida de "livro aberto".

Na mãe do psicótico há um excesso que se tornará um risco e no qual se assenta o seu adoecer – violência secundária.

A violência primária vai caracterizar um desejo que se impõe, mas que pertence à categoria do necessário e que será responsável pela inserção do indivíduo na cultura, abrindo-lhe o caminho para

19. Sigmund Freud (1927). O Futuro de Uma Ilusão. *Obras Completas*, Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago.

20. Piera Aulagnier (1976). El trabajo de la interpretación. La función del placer en el trabajo analítico. In *Cuerpo, historia, interpretación*. Piera Aulagnier e outros. Paidós, p. 326.

21. Piera Aulagnier (1975). *Op. cit.* p. 36.

22. Piera Aulagnier (1975). *Op. cit.* p. 224.

que possa fazer parte do discurso social. Na violência secundária o maior risco é o da alienação de toda possibilidade de escolha de ser autônomo e, portanto, de pensar seus próprios pensamentos. Sobre a violência secundária assim diz Aulagnier:

A violência secundária abre seu caminho apoiando-se sobre a violência primária da qual ela representa um excesso, excesso quase sempre nocivo e desnecessário ao funcionamento do Eu apesar de sua frequência. Se exerce sobre o Eu quer se trate de um conflito entre Eus ou de um conflito entre um Eu e o discurso social que não tem outra finalidade senão a de opor a qualquer mudança os seus modelos.

Se esta violência secundária é tão extensa quanto convincente, a ponto de ser ignorada por aqueles que dela são vítimas, é porque ela se apropria abusivamente dos qualificativos, necessário e natural, os mesmos que posteriormente o sujeito reconhece como próprios da violência primária da qual se originou.²³

A violência primária é necessária e lança as bases para o funcionamento do Eu enquanto a violência secundária se define por um excesso desnecessário ao funcionamento deste mesmo Eu.

Na relação mãe-filho onde predomina a violência secundária há uma entrega e uma submissão de toda a possibilidade do pensar-próprio para só poder pensar através do outro. Criar uma interpretação sensata da violência sofrida, esta é a tarefa que executa o Eu ao delirar.

Márcia refere-se à ausência de um espaço próprio, à impossibilidade de manter algo escondido, de não ter direito ao segredo, como uma experiência que

sempre lhe trouxe muito sofrimento. É preciso ter direito a segredo para poder pensar. Preservar-se o direito e a possibilidade de criar pensamentos, segundo Aulagnier, exige que se tenha o direito de escolher os pensamentos que se comunica e aqueles dos quais se guarda segredo.²⁴

No seu delírio, quando conversa com a geladeira tem a impressão de que ali “suas coisas” podem ficar contidas e bem fechadas. Parece experimentar ali no delírio a possibilidade de pensar os seus próprios pensamentos, de experimentar ter coisas escondidas só suas, onde ninguém pode entrar – “Poder fechar as portas”.

Vê-se em Márcia a vivência paradoxal de poder exercer algum tipo de escolha, quando conversa com a geladeira, enquanto que em outros momentos sente-se invadida por pensamentos dos quais não consegue se libertar, uma verdadeira “coação a pensar”, como diz Schreber em sua auto-biografia.²⁵

O psicótico sofre porque sente que para viver é necessário investir pensamentos que lhe são impostos e onde fica anulada toda e qualquer escolha sobre o que desejaria pensar ou não.

Rosolato em seu texto “O não dito” faz referência à importância da criação de um espaço na relação mãe-filho onde o “Não-dito” estabelecerá as bases da alteridade e de um processo de diferenciação-discriminação. Nesse mesmo texto relaciona “o dizer tudo”, o não ter o direito ao segredo, à constituição do núcleo paranóide. Para ele o “Não-Dito” comanda o recalçamento. Assim diz:

23. Piera Aulagnier (1975). *Op. cit.* p. 36

24. Piera Aulagnier (1976). O direito ao segredo - condição para poder pensar. In *Um intérprete em busca de sentido*. Vol. I. Tradução de Regina Steffen. São Paulo: Escuta, 1990.

25. Daniel Paul Schreber (1903). *Memórias de um Doente dos Nervos*. Tradução de Marilene Carone. Rio de Janeiro: Graal, 2a. Edição, 1985, pp. 69-70.

Nas psicoses o não-dito tem um valor enigmático porque existe uma ignorância real (no real) que se refere a um tema fundamental mais que a um desconhecimento e sempre surpreende aquele que o percebe; é a base da atividade delirante, quando se manifesta. Sem dúvida diz respeito a um dos pólos existenciais maiores que a psicanálise explora: a diferença dos sexos, a diferença de gerações e o problema das origens, os jogos de poder e os jogos da pulsão de vida e de morte; eles são o eixo da dupla articulação narcisista. Clinicamente, vai desde uma simples falta de curiosidade que faz com que o sujeito pareça nunca ter tido que se propor questionamento sobre um determinado ponto, até um verdadeiro branco no discurso.”²⁶

Parece-me que todos estes aspectos discutidos até aqui sobre a “coação a pensar”, sobre o “dizer tudo”, sobre o “não ter direito ao segredo”, têm, na sua base, um modo de relação que se estabelece como excessivo desde o início – desde a relação mãe-bebê.

No psicótico, entre o indivíduo e a mãe existe um investimento recíproco, podendo mesmo, às vezes ser excessivo, mas o que o caracteriza é o sentimento de que para ambos trata-se de uma obrigação, uma necessidade de não-escolha.

Aulagnier define como “prazer suficiente”, o prazer que tem uma relação com o conceito de escolha, para que este prazer seja possível, para que ele seja acrescentado ao prazer necessário, é preciso que o Eu tenha a convicção de que não é amado simplesmente por obrigação ou necessidade, mas porque foi escolhido e porque escolheu.”²⁷

Freud, em seu texto “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental”, traz a noção

de que com as funções de inteligência abre-se para o sujeito um leque de possibilidades. Diz que com a introdução do princípio de realidade o sujeito desenvolve consciência, atenção, memória, discernimento, pensamento e ação. Memória, atenção, discernimento e o grande herdeiro da atividade alucinatória, que é o pensamento, permitem que o psiquismo não tenha mais de simplesmente recalcar toda representação que é fonte de desprazer, e assim possa distinguir em que circunstâncias uma representação pode trazer prazer ou desprazer.”²⁸

Com a função de inteligência que marcará o aparecimento da linguagem e do pensamento o indivíduo poderá ter acesso ao seu lugar de enunciante, onde poderá se apropriar dos diferentes termos presentes em seu discurso.

No psicótico o que se percebe é esta dificuldade de se sentir confirmado neste lugar de enunciante, lugar criado pela ligação entre os seus referentes lingüísticos e os referentes lingüísticos dos outros, o que lhe permitiria o acesso à ordem de parentesco, sentir-se fazendo parte de uma família, de um grupo étnico, de uma dada cultura. A perda desses referentes tão fundamentais na constituição do Eu e do seu lugar de enunciante, aparecem na fala de Márcia como expressão de um intenso sofrimento. Márcia fala desse sofrimento:

Eu tinha que fazer meu projeto para o mestrado e este foi rejeitado pois os professores disseram que eu havia feito um plágio de um projeto que já existia num livro americano. Para dizer bem a verdade eu até agora não sei o que fiz. Não tive nem coragem de verificar este dado.

Guardei o meu projeto num lugar em que não pudesse mais vê-lo. Sentia-me um fracasso em todos os

26. Guy Rosolato (1978). *La relation d'unconnu*. Paris: Gallimard. 1978, p. 90.

27. Piera Aulagnier (1979). *Op. cit.*

28. Sigmund Freud (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. *Obras Completas* Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago.

sentidos. Perdi a autoridade sobre as palavras, elas não me obedeciam mais. Eu não era mais nada. Era só sofrimento. Eu só pensava coisas muito tristes e não conseguia afastar isso.”

Neste fragmento de sua história percebe-se como a dúvida, o questionamento sobre o que havia pensado, refletido, teorizado, a remete a um lugar de Não-Ser. Ter que pensar, ter que duvidar do pensamento, ter que verificá-lo, são exigências às quais o Eu não pode se esquivar; é o preço pelo qual paga seu direito de cidadania no campo social e sua participação na aventura cultural. Márcia continua sua história:

Eu não parava de pensar e sempre pensava em coisas que me atormentavam muito. Queria varrer minha cabeça, não precisar mais pensar. Mas nem dormir eu conseguia. Uma verdadeira tortura! O meu maior sofrimento foi quando só conseguia pensar essas coisas ruins e não conseguia falar. As palavras não saíam. Tudo aquilo tinha que ficar dentro de mim. Não contava com nada e com ninguém...

Às vezes, fico pensando: será que o que me aconteceu não é porque trabalho com surdos-mudos? Nem mesmo a linguagem dos sinais eu me lembrava.

Na fala de Márcia verifica-se a perda de seus referenciais identificatórios presentes na possibilidade de tornar dizíveis seus pensamentos, sua angústia, seu sofrimento.

O que no psicótico primeiramente suscita a angústia do espectador é a perda no Outro de toda a possibilidade de escolha e de decisão sobre a colocação em palavras de seu pensamento, lembranças de um perigo mortal que todo Eu efetivamente correu quando de sua entrada na cena psíquica.²⁹

É o sentimento da perda definitiva de poder falar por si mesma e de ter que se submeter a essa injunção onde “um outro fala por mim”, que vemos presente na história de Márcia.

Conclusão

O tudo dizer, o ser coagido a pensar pensamentos que só trazem sofrimento, esvazia o sujeito de sua possibilidade de se “constituir metaforicamente”³⁰, alienando-o na sua possibilidade de escolher, de pensar, portanto, de ser.

No delírio, Márcia percebe a possibilidade de encontrar uma causa que possa ser compartilhada, tentativa última e desesperada de se re-inserir numa nova rede de significações. A criação de um sentido compatível com o escutado e com a exigência identificatória do Eu será a tarefa do pensamento delirante. É de um corpo vazio, eco de uma alma presa por um fio para se manter viva, que Márcia nos fala – desaparecimento de um corpo relacional.

A vivência psicótica nos revela as consequências da catástrofe que representa para o sujeito o desaparecimento do signo de relação em seu capital representativo ou, para ser mais exata, a redução de seu uso em uma forma relacional fixada de uma vez para sempre – imutável.

Encontrar um lugar onde este desejo não seja somente do Outro, não estar mais submetido a esta onipotência, parece ser o movimento e a busca feita pelo psicótico no seu delírio. A lei do desejo impõe o deslizamento dos objetos investidos com brilho fálico – uma vez que objetos do desejo materno – para o desejo da diferença. Esta lei, interseccionada com a lei da filiação, cuja referência é o nome do

29. Piera Aulagnier (1976). *Op. cit.* p. 257.

30. M. Silvia Bleichmar (1984). *Nas origens do sujeito psíquico: do mito à história*. Tradução de Kenia Ballué. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

pai, deve conduzir o sujeito a reconhecer-se como consequência do desejo parental e não mais como sua causa, identificando-se, na expressão de Aulagnier, com um elo da cadeia simbólica que transcende sua temporalidade subjetiva, dependente de um Outro, diferentemente sexuado por ter acedido a esta identificação, através do qual ele investe o lugar de futuro genitor.³¹

Um Eu que não tem mais a possibilidade de pensar – ansiar, são as marcas fundantes da psicose, onde futuro e mudança parecem estar banidos do seu repertório existencial.

A partir do momento em que Márcia é colocada em contato com a dúvida em relação à sexualidade de seu marido, e porque não dizer de sua própria, em relação ao seu lugar de autora, ao fazer o seu projeto de mestrado, em relação ao lugar que vinha ocupando dentro de seu núcleo familiar, irrompe a crise psicótica.

Na psicose encontra acolhida para todos os questionamentos que lhe trazem tanto sofrimento. Precisa fugir de uma realidade que se apresenta tão cheia de conflitos, dolorosos para quem nunca pode fazer opções.

Nos fragmentos da história de Márcia pode-se ver o poder desestruturante de um desejo materno que se expressa por um “que nada muda”, revelação de uma violência que deixará como rastro a busca de defesas psicóticas ou o desejo de auto-alienação do próprio pensamento, solução final que lhe permitirá afastar todo risco e todo conflito. ■

Referências Bibliográficas

- AULAGNIER, P. (1975). *A violência da interpretação do pictograma ao enunciado*. Trad. de Maria Clara Pellegrino. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- (1979). *Os destinos do prazer*. Trad. de Maria Clara Pellegrino e M.A.A. Gervaiseau. Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- (1984). *O aprendiz de historiador e o mestre-feiticeiro: do discurso identifiante ao discurso delirante*. Trad. de Claudia Berliner. São Paulo: Escuta, 1989.
- (1986). *Um intérprete em busca de sentido – Vols. I e II*. Tradução de Regina Steffen. São Paulo: Escuta, 1990.
- (1986). *Nacimiento de un cuerpo origen de una historia*. In *Cuerpo, historia, interpretación*. Piera Aulagnier e Outros. Paidós.
- BLEICHMAR, M. S. (1984). *Nas origens do sujeito psíquico: do mito à história*. Trad. de Kenia M. Ballué. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- CLÉMENT, C. (1981). *Vidas e lendas de Jacques Lacan*. Trad. Mc Kneese. São Paulo: Moraes, 1983.
- FREUD, S. (1911). *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*. *Obras Completas*, Volume XII. Rio de Janeiro: Imago.
- (1927). *O futuro de uma ilusão*. *Obras Completas*, Volume XXI. Rio de Janeiro: Imago.
- GOLDGRUB, F. W. (1985). *Comentários sobre a cronologia e a estrutura da obra freudiana*, 1ª Edição. São Paulo: CETEC.
- LACAN, J. (1949). *Escritos I*. Tradução do Francês para o Espanhol de Tomás Segovia. Argentina: Siglo Veinteuno, 1971.
- ROSOLATO, G. (1978). *La relacion d'inconnu*. Paris: Gallimard, 1978.
- SARTRE, J. P. (1938). *A náusea*. Trad. de Rita Braga. São Paulo: Nova Fronteira, 2ª edição, 1983.
- SCHREBER, D. P. (1903). *Memórias de um doente dos nervos*. Tradução de Marilene Carone. Rio de Janeiro: Graal, 2ª Edição, 1985.

Anete Maria Busin Fernandes

Rua Sen. Cesar Lacerda Vergueiro, 248

05435-010 - São Paulo - SP

31. Piera Aulagnier (1975). *Op. cit.*